

Frieder e Katerlieschen

Era uma vez, no mundo branco, um marido (chamado Frieder) e uma esposa (chamada Caterlizchen); haviam se casado não há muito tempo e ainda eram considerados jovens.

Certo dia, disse Frieder: "Vou ao campo, Caterlizchen; e quando eu voltar de lá, que tenhas então algo assado preparado na mesa para matar a fome e alguma bebida refrescante para matar a sede". — "Vai, vai, Frieder", respondeu-lhe Caterlizchen, "já te prepararei tudo como deve ser".

Quando chegou a hora do almoço, ela tirou da chaminé uma linguiça que ali estava defumando, colocou-a numa assadeira, adicionou-lhe um pouco de manteiga e pôs a assadeira no fogo. A linguiça começou a fritar e chiar na assadeira, enquanto Caterlizchen, de pé junto ao fogo e segurando o cabo da assadeira, refletia consigo mesma...

"E então?", veio-lhe de repente à cabeça. "Enquanto a linguiça fica pronta, bem que eu poderia, nesse ínterim, descer à adega e encher uma caneca de bebida".

Assim, ela firmou melhor a assadeira sobre o fogo, pegou uma caneca, desceu à adega e começou a tirar cerveja. A cerveja corria para a caneca, Caterlizchen olhava para ela, quando de repente lembrou-se: "Ah, o cão lá em cima não está amarrado! Talvez ele tire a linguiça da assadeira, que situação seria essa!" — e num instante subiu correndo a escada da adega...

E viu: o cão já segurava a linguiça nos dentes e a arrastava consigo pelo chão.

No entanto, Caterlizchen não era preguiçosa para correr; lançou-se na perseguição ao cão e correu atrás dele por bastante tempo pelo campo; mas o cão corria mais rápido que ela e não soltava a linguiça dos dentes, levando-a para além do campo. "Bom, o que está feito, está feito!", disse Caterlizchen, voltou para trás e, cansada de tanto correr, foi para casa devagarinho, para se acalmar um pouco.

Entretanto, a cerveja do barril corria e corria, pois Caterlizchen havia esquecido de fechar a torneira; a caneca encheu até a borda, e depois a cerveja começou a correr para fora da caneca, inundando a adega, e continuou a correr até que todo o barril se esvaziou.

Caterlizchen ainda da escada viu que desgraça havia acontecido na adega. "Olha só!", exclamou ela. "O que fazer agora para que Frieder não perceba esta desgraça?"

Pensou, pensou, e lembrou-se de que desde a última feira havia no sótão um saco de excelente farinha de trigo; então teve a ideia de levar aquele saco do sótão e espalhá-lo pelo chão da adega, que estava inundado de cerveja. "Sim, isso sim!", pensou ela. "Reserva de desgraça não estraga e na necessidade serve!"

Subiu ao sótão, arrastou de lá o saco e deixou-o cair dos ombros exatamente sobre a caneca cheia de cerveja; a caneca virou, e a bebida preparada para Frieder também se derramou pela adega.

"Não é à toa que as pessoas dizem", falou Caterlizchen, "que onde uma coisa cabe, outra também encontra lugar!" — e espalhou a farinha do saco por toda a adega. E quando terminou de espalhar, não conseguia parar de admirar seu trabalho e até disse: "Veja como aqui está tudo limpo e arrumado agora!"

Na hora do almoço, chegou também Frieder em casa. "Então, Caterlizchen, o que me preparaste?" — "Ah, Frieder!", respondeu ela. "Planejei fritar-te uma linguça; mas enquanto eu tirava cerveja do barril na adega, o cão levou a linguça da assadeira; e quando corri atrás do cão, toda a cerveja do barril escapou; planejei secar a adega da cerveja com farinha de trigo e também derrubei a caneca com cerveja. Mas, fique tranquilo, agora a adega está seca conosco." — "Esposinha, esposinha!", disse-lhe Frieder. "Melhor seria que não tivesses feito isso! Deixaste o cão levar a linguça, deixaste a cerveja escapar do barril e ainda inventaste de cobrir a cerveja com farinha de trigo!" — "É verdade, maridinho! Mas eu não previ nada disso: deverias ter-me dito tudo antecipadamente".

Frieder pensou: "Bem, se continuar assim com minha esposa, realmente terei de pensar eu mesmo em tudo com antecedência".

E aconteceu que, tendo acumulado uma quantia considerável em táleres, trocou-os por ouro e disse a Caterlizchen: "Vês aqui estas cacinhas amarelas? Estas cacinhas vou colocar num pote e enterrar no estábulo, debaixo da manjedoura da vaca; mas olha bem — não mexas nelas, senão terás problemas comigo!" E ela disse: "Não, maridinho, de forma alguma mexerei".

Quando Frieder saiu, chegaram à aldeia mercadores vendendo canecas e potes de barro e perguntaram a Caterlizchen se ela desejava comprar alguma coisa. "Ah, boas pessoas", disse Caterlizchen, "não tenho dinheiro algum, e nada posso comprar de vós; mas se precisais de cacinhas amarelas, então por cacinhas eu também compraria alguma coisa de vós". — "Cacinhas amarelas? Por que não seriam necessárias? Mostra-nas!" — "Pois então, ide ao estábulo e cavi debaixo da manjedoura da vaca, lá encontrareis as cacinhas amarelas dentro de um pote, e eu nem posso estar presente!"

Os trapaceiros mercadores foram conforme sua indicação, cavaram debaixo da manjedoura e desenterraram ouro puro. Levaram o ouro e fugiram com ele, deixando todas as suas mercadorias, potes e canecas, em casa.

Caterlizchen pensou que aquela nova louça poderia ser-lhe útil; mas como na cozinha não havia falta dela, quebrou o fundo de todos os novos potes e os colocou como enfeite nas estacas da cerca ao redor de toda a casa.

Quando Frieder voltou para casa e viu este novo enfeite, logo começou a dizer: "Querida, o que fizeste desta vez?" — "Comprei isto, querido, com aquelas cacinhas amarelas que estavam enterradas debaixo da manjedoura da vaca... Eu mesma não fui até lá — foram os vendedores que as desenterraram". — "Ah, Caterlizchen! O que fizeste? Aquilo não eram cacos, mas ouro puro, e nisso estava toda a nossa fortuna. Não deverias ter feito isso!" — "É verdade, querido", respondeu ela, "mas eu não sabia; deverias ter-me dito antes".

Caterlizchen ficou parada um momento, pensou e disse: "Escuta, maridinho, podes recuperar teu ouro novamente; vamos correr logo atrás dos ladrões". — "Vamos, sim", disse Frieder, "tentemos; leva apenas contigo pão e queijo, para termos algo para comer pelo caminho". — "Está bem, maridinho, levarei".

Partiram na perseguição, e como Frieder era mais ágil que a esposa, Caterlizchen ficou para trás. "Assim é ainda melhor", pensou ela, "quando voltarmos, terei menos caminho para andar".

Chegaram assim, pelo caminho, a uma montanha, onde em ambas as encostas havia sulcos profundos feitos pelas rodas das carroças. "Olha só", disse Caterlizchen, "como eles cortaram, reviraram e sulcaram aqui a pobre terra, de modo que nunca mais sarará em toda a vida!" E, tomada de grande compaixão, passou a untar todos os sulcos com manteiga, para que as rodas rolassem mais suavemente por eles; e enquanto ela se inclinava sobre os sulcos, uma cabeça de queijo caiu de seu avental e rolou montanha abaixo. "Bom, não, irmão", disse Caterlizchen, "subi uma vez a montanha, mas por tua causa não subirei outra vez; que outro queijo role atrás dele e o traga de volta".

Pegou outra cabeça de queijo e a fez rolar atrás da primeira. No entanto, os queijos não voltaram para ela; então ela soltou um terceiro atrás deles e pensou: "Talvez estejam esperando o terceiro e não queiram voltar sozinhos".

Mas também os três queijos não voltaram; então ela decidiu: "Parece que o terceiro não encontrou o caminho até eles e se perdeu no percurso; enviarei também um quarto atrás deles, para que os chame". Mas com o quarto aconteceu o mesmo que com o terceiro.

Então a esposa irritou-se, atirou montanha abaixo também o quinto e o sexto queijos, de modo que não lhe restou queijo algum.

Contudo, ela ainda os esperou por algum tempo e escutou; mas como os queijos não voltavam, deu-lhes as costas e resmungou: "Seria bom enviar-vos atrás da morte! Não vos esperarei mais: se quiserdes, vós mesmos me alcançareis!"

Caterlizchen seguiu adiante e encontrou-se com o marido, que havia parado e a esperava, porque sentira fome. "Então, dá-me cá o que tens aí de reserva!"

Ela entregou-lhe pão seco. "E onde estão a manteiga e o queijo?" — "Ah, maridinho, untei os sulcos da estrada com manteiga; e nossos queijos voltarão rapidinho: um caiu de minhas mãos, e os outros eu mesma enviei atrás dele, para que o trouxessem de volta". — "Bem, esposinha, poderias não ter feito isso! Que invenção é essa — untar a estrada com manteiga e rolar queijos montanha abaixo". — "É verdade, maridinho, mas a culpa é toda tua, por que não me avisaste".

Tiveram ambos de lanchar com pão seco; então disse Frieder: "Esposinha, trancaste nossa casa quando saímos dela?" — "Não,

"Maridinho, você deveria ter me dito isso." — "Bom, então volte para casa, primeiro tranque a porta, e só depois vamos em frente; e, já que está indo, traga também outra coisa para comer, vou ficar aqui à sua espera."

Katerlizchen foi para casa, pensando consigo mesma: "O maridinho quer comer outra coisa, o queijo e a manteiga não lhe agradaram; então, vou levar para ele de casa um fardo inteiro de peras secas e uma caneca de vinagre."

Depois, ela trancou a porta do andar de cima com a tranca, mas tirou a porta de baixo das dobradiças, levou-a consigo, colocando-a sobre os ombros, pensando que, se a porta estivesse sob sua guarda, ninguém poderia entrar na casa.

Katerlizchen demorou bastante para chegar ao lugar, pensando sempre: "Que o maridinho descanse um pouco nesse meio-tempo."

Quando finalmente chegou até Frieder, disse: "Aqui tens, maridinho, a porta da casa que trouxe; toma, fica de guarda dela." — "Ah, meu Deus, que esposa tão esperta tenho! Levaste contigo a porta de baixo, deixando agora aberto o caminho para nossa casa a qualquer um, enquanto trancaste a do andar de cima com a tranca! Bom, agora já é tarde para voltar para casa; mas, já que trouxeste a porta até aqui, então leva-a contigo também mais adiante!" — "Tudo bem, a porta eu carrego, maridinho, mas o fardo com as peras secas e a caneca com o vinagre são pesados demais para mim; vou pendurá-los na porta, que seja a porta a carregá-los."

Finalmente, entraram na floresta e começaram a procurar os ladinos mercadores, porém não os encontraram.

Já estava escurecendo, e subiram numa árvore, pretendendo passar ali a noite. Mas mal haviam se acomodado no topo, quando chegaram debaixo daquela mesma árvore justamente aqueles bons rapazes que levam consigo tudo aquilo que não quer ir atrás deles sozinhos e sabem encontrar as coisas antes mesmo de se perderem.

Sentaram-se debaixo da árvore na qual Frieder e Katerlizchen haviam subido, acenderam uma fogueira e preparavam-se para dividir seu butim. Frieder desceu da árvore pelo outro lado para pegar pedras, tornou a subir com elas e quis matar os ladrões atirando-as neles. Porém, nenhuma de suas pedras acertou o alvo, e os ladrões começaram a dizer entre si: "Parece que logo vai clarear; o vento está derrubando as pinhas dos abetos."

Enquanto isso, Katerlizchen ainda segurava a porta sobre os ombros, e como lhe pesava muito, pensou que era o fardo de peras que a porta estava puxando para baixo, e disse ao marido: "Vou jogar fora o fardo de peras." — "Não, esposinha, agora não jogue, senão pelas peras vão nos descobrir na árvore." — "Não, vou jogar, não aguento, estão me pesando demais." — "Bom, então faça logo, que diabo!"

E as peras caíram através dos galhos lá embaixo, mas aqueles que estavam embaixo nem sequer prestaram atenção nelas.

Pouco depois, Katerlizchen, que continuava exausta sob o peso da porta, disse ao marido: "Ah, maridinho! Preciso também derramar o vinagre." — "Não, esposinha, não faça isso, senão eles talvez nos descubram!" — "Oh, maridinho, não posso: preciso derramá-lo! Está me pesando demais!" — "Bom, então derrama logo, que o diabo te leve!"

Ela derramou o vinagre e respingou nos bons rapazes que estavam embaixo. Eles começaram a conversar entre si, dizendo que era o orvalho caindo.

Finalmente, Katerlizchen caiu em si: "Será que não é a porta que está me pesando tanto no ombro?" — e disse ao marido: "Maridinho, vou também tirar a porta dos ombros!" — "Como assim? Então vão nos descobrir imediatamente!" — "Ah, não posso! Ela está me pesando demais!" — "Mas não, segura-a!" — "Não, de jeito nenhum consigo — vou deixá-la cair!" — "Bom, então deixa-a cair, que o diabo a carregue!" — respondeu Frieder, irritado.

A porta caiu da árvore com estrondo e barulho, e os ladrões debaixo da árvore gritaram: "É o próprio diabo caindo da árvore sobre nós!", saíram correndo em todas as direções e abandonaram todo o butim no local.

Cedo pela manhã, quando Frieder e Katerlizchen desceram da árvore, encontraram debaixo dela todo o seu ouro e o levaram para casa.